ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

EU SURDO:
reflexões sobre a Não Marcação Copular na escrita em português

Silvana Alves Cardoso[1]

Resumo

Ao escrever em português, muitos estudantes surdos, naturalmente, imprimem em seus registros características estruturais da sua língua natural – no Brasil, majoritariamente a Libras –, características estas que, em certa dimensão, diferem da estrutura linguística do português, o que faz com que, por conseguinte, tal escrita não seja plenamente aceita na sociedade. Uma dessas características diz respeito a não marcação sentencial dos verbos de cópula (ou verbos copulativos) – especificamente os verbos ser e estar –, também conhecidos, pela Gramática Tradicional (GT), como verbos de ligação. Na Língua Brasileira de Sinais (Libras), os verbos copulativos ser e estar, em geral, não são usados, emergindo, na estrutura de superfície, apenas o sujeito e o predicativo (FELIPE, 1998). Nesse sentido, o presente artigo intenta evidenciar a inexistência dos verbos copulares em Libras enquanto particularidade linguístico-estrutural da Libras naturalmente refletida nos textos escritos em português produzidos por estudantes surdos. Para tanto, apresenta discussão teórica apoiada em Felipe (1998), Oliveira (2020), Capovilla *et al*. (2019a, 2019b, 2019c), entre outros, e analisa redações escritas por estudantes surdos advindas de seleções do vestibular do curso de Letras/Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A partir disso, conclui que a não marcação da cópula apresenta motivações linguístico-estruturais claras: a relação entre os constituintes da sentença acontece por meio do contexto de sinalização, a partir de recursos como a apontação e a direção do olhar, os quais se encarregam de estabelecer o sentido das construções copulares, ainda que tais recursos não sejam transportados para a modalidade escrita, ocasionando, assim, uma escrita particular.

Palavras-chave: Cópula; Libras; Escrita; Português.

I DEAF:
Reflections on Non-Marking Copulation in Portuguese Writing

[1] Doutora e Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Especialista em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Atualmente, professora de Libras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), *campus* Professor Barros Araújo/Picos-Piauí-Brasil. Lattes: https://lattes.cnpq.br/9201854982234249. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3328-851X. E-mail: silvanacardoso@pcs.uespi.br

periferia EDUCAÇÃO CULTURA & COMUNICAÇÃO
ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Abstract
When writing in Portuguese, many deaf students naturally imprint on their records structural characteristics of their natural language – in Brazil, mostly Libras – characteristics that, to a certain extent, differ from the linguistic structure of Portuguese, which means that, consequently, such writing is not fully accepted in society. One of these characteristics concerns the non-sentential marking of copula verbs (or copulative verbs) – specifically the verbs ser and estar – also known, by Traditional Grammar (GT), as linking verbs. In the Brazilian Sign Language (Libras), the copulative verbs ser and estar, in general, are not used, leaving only the subject and the predicate in the surface structure (FELIPE, 1998). In this sense, the present production intends to highlight the non-existence of copular verbs in Libras as a linguistic-structural particularity of Libras naturally reflected in texts written in Portuguese produced by deaf students. To this end, it presents a theoretical discussion supported by Felipe (1998), Oliveira (2020), Capovilla *et al*. (2019a, 2019b, 2019c), among others, and analyzes essays written by deaf students from selections of the entrance exam of the Letters/Libras course at the Federal University of Piauí (UFPI). With this, it concludes that the non-marking of copulation has clear linguistic-structural motivations: the relationship between the constituents of the sentence occurs through the context of signaling, from resources such as pointing and the direction of the gaze, which are responsible for establishing the meaning of the copulatory constructions, even if such resources are not transported to the written modality, thus causing a particular writing.
Keywords: Copulation; Libras; Writing; Portuguese.

SOY SORDO: Reflexiones sobre la cópula no marcadora en la escritura portuguesa

Resumen
Al escribir en portugués, muchos estudiantes sordos imprimen naturalmente en sus registros características estructurales de su lengua natural – en Brasil, principalmente Libras – características que, en cierta medida, difieren de la estructura lingüística del portugués, lo que significa que, en consecuencia, esa escritura no es plenamente aceptada en la sociedad. Una de estas características se refiere a la marcación no oracional de los verbos en cópula (o verbos copulativos), específicamente los verbos ser y estar, también conocidos, por la Gramática Tradicional (GT), como verbos de enlace. En la Lengua de Señas Brasileña (Libras), los verbos copulativos ser y estar, en general, no se utilizan, dejando solo el sujeto y el predicado en la estructura

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

superficial (FELIPE, 1998). En este sentido, la presente producción pretende resaltar la inexistencia de verbos copulares en Libras como una particularidad lingüístico-estructural de Libras reflejada naturalmente en textos escritos en portugués producidos por estudiantes sordos. Para ello, presenta una discusión teórica apoyada por Felipe (1998), Oliveira (2020), Capovilla *et al*. (2019a, 2019b, 2019c), entre otros, y analiza ensayos escritos por estudiantes sordos a partir de selecciones del examen de ingreso del curso Letras/Libras de la Universidad Federal de Piauí (UFPI). Con ello, se concluye que la no marcación de la cópula tiene claras motivaciones lingüístico-estructurales: la relación entre los constituyentes de la oración se da a través del contexto de la señalización, a partir de recursos como el señalamiento y la dirección de la mirada, que se encargan de establecer el significado de las construcciones copulatorias, aunque dichos recursos no sean transportados a la modalidad escrita, provocando así una escritura particular.
Palabras clave: Cópula; Libras; Escribiendo; Portugués.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua de sinais é, sumariamente, e até por questões fisiológicas, a língua natural das pessoas que nasceram surdas, assim como a língua oral[2] é, pelos mesmos motivos, a língua natural daquelas que nasceram ouvintes/não surdas[3]. Ambas surgiram por razões idênticas: a necessidade natural de comunicar ideias e de interagir com os semelhantes por meio de sistemas linguísticos. Por língua natural, entendemos, nos termos de Chomsky (1957), como sendo a capacidade biológica inerente à natureza humana para o desenvolvimento da linguagem, ou seja, o ser humano já nasce com essa faculdade para a linguagem.

Embora consideradas línguas naturais, as línguas de sinais se diferenciam, antes de tudo, das línguas orais por conta da modalidade[4] de produção e de percepção linguística na qual cada uma dessas línguas se

[2] Nas considerações de Quadros (2019, p. 25), as línguas de sinais também são consideradas "línguas orais", por serem produzidas "oralmente" em oposição à forma escrita. Por isso a preferência da autora no uso do termo "língua falada" ao invés "língua oral" para se referir às línguas de quem utiliza o canal oral-auditivo.
[3] Atualmente, tem-se optado pela expressão não surdo no lugar do termo ouvinte, o qual, em alguns discursos, diz respeito a pessoas que se opõem à causa surda, muito embora esses termos façam, igualmente, referência a pessoas que ouvem e falam uma língua.
[4] Sobre Efeitos de Modalidades, consultar Quadros (2006).

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

organiza, o que as categoriza como línguas visuoespaciais[5] e línguas orais-auditivas, respectivamente. Nesse sentido, essas línguas fazem uso de diferentes elementos do corpo, ou até mesmo para além dele – como é o caso das línguas de sinais, as quais também empregam elementos de fora do corpo, possibilitados pelo Espaço Neutro[6], situado, predominantemente, em frente ao corpo do sinalizador. Assim, na comunicação em línguas de sinais, aqui, no contexto de surdos videntes e possuidores dos membros superiores (braços e mãos)[7], são utilizados, sumariamente, os olhos e as mãos[8], e na comunicação em línguas orais, os ouvidos e o aparelho fonador.

Como sabemos, as manifestações linguísticas podem ser produzidas, entre outras formas, por meio da língua falada (oralidade) – ou, no presente contexto, da língua sinalizada – e por meio da língua escrita. Embora a Língua Brasileira de Sinais (Libras) seja considerada uma língua visuoespacial, pode, igualmente o português, uma língua oral-auditiva, se manifestar a partir de uma forma oral, no sentido de ser uma língua sinalizada produzida oralmente em oposição a uma forma escrita de se manifestar (QUADROS, 2019). Por sua vez, a língua escrita, mesmo sendo um modo de manifestação linguística, é, conforme Bagno (2015), uma construção artificial e monitorada que obedece a regras fixas e segue a gramática tradicional, diferentemente da forma falada, que é uma construção natural e espontânea que obedece à intuição do falante e segue a gramática da língua, muito embora exista um contínuo[9] entre essas duas formas a depender do contexto de produção.

[5] As terminologias gestual-visual (ou gesto-visual) e gestual-espacial (ou gestoespacial) também são empregadas para se referirem às línguas de sinais. Neste estudo, optamos pelo termo visuoespacial (ou visual-espacial) por acreditar ser o mais apropriado às línguas de sinais.

[6] Espaço Neutro ou, conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 57), referenciando Battison (1978), Espaço de Enunciação dos Sinais diz respeito ao lugar ideal para a sinalização, o qual envolve todos os pontos do raio de alcance das mãos em sinalização e se configura como um local em que os participantes interagem cara a cara, influenciando, consideravelmente, na significação dos sinais.

[7] Nos casos especiais, há surdos não videntes que fazem uso de língua de sinais táteis, bem como há surdos com membros superiores amputados ou com mobilidade das mãos reduzida, os quais se utilizam de outras partes do corpo, como os pés, para se comunicarem.

[8] Primariamente, visto que as manifestações da face e do corpo também ajudam a configurar as línguas de sinais.

[9] Com esse contínuo, de acordo com a proposta do linguista galeno Henrique Monteagudo (2004), referenciada em Bagno (2013, p. 69), pode acontecer, por exemplo, um contexto em

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Assim, a escrita, por ser uma ferramenta que surgiu de maneira artificial, configura-se com um sistema secundário, uma tentativa de representação gráfica dos elementos que constituem a língua, idealizada por meio de acordos estabelecidos socialmente entre os membros de uma comunidade. Em certos casos, esse sistema é resultante de decretos e de atos institucionais das autoridades governamentais, como se deu, por exemplo, com os decretos que instituíram os acordos ortográficos do português. Diferentemente do português, o qual já possui um sistema de escrita consolidado, estabelecido e empregado oficialmente nos espaços sociais a partir de uma ortografia oficial, a Libras ainda não dispõe de um sistema de escrita amplamente difundido e empregado na sociedade (Quadros, 2017). Muitas vezes, o registro dessa língua se dá partir da captura em vídeos ou imagens, porém há propostas de sistematização para o registro de sinais, seja como sistemas de escrita de sinais ou como sistemas de notação de sinais[10].

A produção escrita dos estudantes surdos usuários da Libras nem sempre é vista com "bons olhos" por grande parte da sociedade, que, em sua maioria, não dispõe de um conhecimento mínimo sobre a organização estrutural das línguas de sinais com um todo. Isso porque, em certa dimensão, as características linguístico-estruturais da Libras são impressas nesse registro escrito, que, por sua vez, se faz, primordialmente, a partir da modalidade escrita do português. E, mesmo que existam sistemas de escrita com base em sinais e sistema de transcrição (usado, principalmente, na área da pesquisa) para o registro da Libras, até o presente momento, não há uma forma escrita difundida, e legalmente estabelecida, para o registro dessa língua. Nessa direção, a ausência de uma sistematização teórica para o registro escrito da Libras na modalidade escrita do português a partir da organização linguístico-estrutural dessa língua de sinais contribui para o não reconhecimento e para a não valorização dessa forma de escrita, um tanto particular, nos espaços

que a fala seja mais monitorada e a escrita, mais espontânea, ou seja, em algumas situações, a fala possui aspectos da escrita, e a escrita possui características da fala.

[10] Exemplos de sistemas de escrita e sistemas de notação estão disponíveis em Cardoso (2023).

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

sociais, ocasionando, dessa forma, uma problemática no entorno desse modo de escrever.

Diante disso, colocamos em discussão, no presente artigo, a temática da comunicação escrita em português de estudantes surdos, dando aos interessados nesse tema a oportunidade de compreender as particularidades linguístico-estruturais da Libras, por vezes, refletidas na comunicação de textos escritos, para, assim, entender alguns dos fatores que condicionam essa escrita particular. Aqui, vamos nos debruçar sobre a inexistência dos verbos copulares em Libras, com o objetivo de evidenciar tal particularidade enquanto elemento linguístico-estrutural desse idioma, obviamente refletido nos textos escritos em português produzidos por estudantes surdos.

Na implementação deste estudo, foram tomados os seguintes encaminhamentos metodológicos, dispostos em cinco etapas, organizadas em dois momentos, a saber, no primeiro momento: i) levantamento, a partir de investigações concebidas em teses, dissertações, artigos e legislações, de estudos e de discussões teóricas e bibliográficas realizados em torno dos textos escritos por estudantes surdos; ii) leituras, fichamentos e organizações temáticas do quadro referencial e dos materiais levantados; iii) revisão da literatura, a partir dos estudos de Felipe (1998), Oliveira (2020), Capovilla *et al*. (2019a, 2019b, 2019c), entre outros, quanto à inexistência dos verbos copulativos ser e estar, que, de algum modo, se faz notar no registro escrito realizado por estudantes surdos.

No segundo momento: iv) composição do *corpus* com coleta e seleção – mediante à presença da particularidade linguístico-estrutural da inexistência dos verbos copulativos ser e estar – de 10 (dez) textos escritos por estudantes surdos com Ensino Médio completo e aspirantes à educação superior. Tais textos compõem os resultados das provas discursivas do processo seletivo de vestibular para o ingresso ao curso de Letras Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), referente ao ano de 2015.

A coleta dos referidos textos ocorreu por meio do encaminhamento à pesquisadora via *e-mail*, por intermédio do departamento responsável que os disponibilizou entre maio e julho de 2023. Nesses textos, em atendimento à Lei

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Geral de Proteção de Dados Pessoais, Lei nº. 13.709/2018, foram ocultados os dados individuais dos candidatos, a fim de garantir a confidencialidade e sigilo dos envolvidos. Nesse contexto, encontram-se indisponíveis ou inacessíveis informações como níveis de contato com a Libras ou de oralização, uso de aparelho auditivo ou de implante coclear, ser filho de pais surdos ou de pais ouvintes, e realização ou não de leitura labial – as quais, de algum modo, interferem na comunicação escrita dos estudantes surdos. Por fim, os procedimentos finais contemplaram a identificação, análise e descrição da especificidade linguístico-estrutural da inexistência dos verbos copulativos ser e estar na Libras presente nas produções escritas dos estudantes surdos.

A ESCRITA EM PORTUGUÊS PRODUZIDA PELO ESTUDANTE SURDO

Ao acessar textos escritos por estudantes surdos, muitas pessoas, provavelmente, estranhariam a forma de escrever dessas pessoas e, possivelmente, considerariam tal produção inadequada ou repleta de desvios. Isso acontece porque grande parte da sociedade desconhece as especificidades linguístico-estruturais das línguas de sinais, que, por sua vez, podem aparecem refletidas nas produções escritas dos estudantes surdos. Ao escrever, muitos estudantes surdos, evidentemente imprimem em seus registros características estruturais da sua língua natural – no Brasil, majoritariamente[11] a Libras –, como veremos na próxima seção deste artigo. Essas características, em certa dimensão, diferem da estrutura do português, o que faz com que, por conseguinte, os textos escritos por estudantes surdos não sejam plenamente aceitos na sociedade.

É comum encontrarmos contextos que desqualificam as produções escritas dos estudantes surdos. Às vezes eles aparecem, de forma atenuada, com o simples emprego do recurso gráfico aspas, em que se faz referência à escrita do surdo, colocando o termo escrita entre aspas, a “escrita” do surdo, como se ela não se configurasse uma escrita de fato, mas uma suposta escrita.

[11] Além da Libras, há outras línguas de sinais circulando no território brasileiro, totalizando um número de onze línguas de sinais mapeadas (Quadros, 2019; Quadros; Silva, 2017).

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Outras vezes, esse demérito se mostra na adjetivação do termo escrita, como, por exemplo, ao se usar escrita atípica[12], verificado em Silva (1999). Geralmente, essas adjetivações implicam um sentido inferior, em que essa escrita passa a ser vista como anormal, errada e fora do padrão.

Há ainda aqueles que, ao ler um texto específico, logo o categorizam como sendo o texto de um estudante surdo com a justificativa equivocada, a propósito, de que os surdos não saberiam conjugar verbos, por exemplo. O ponto é que, em todas essas situações, o olhar está direcionado para o português, na sua modalidade escrita tradicional, a qual é tomada como parâmetro para a escrita produzida pelos estudantes surdos, além de se negligenciarem as questões de interlíngua, abordadas mais à frente. Assim, os textos escritos passam a ser mais um fator de exclusão desses sujeitos na sociedade.

Também é preciso considerar as várias barreiras enfrentadas pelos estudantes surdos para ter acesso pleno, tal como os estudantes ouvintes têm, às práticas significativas de escrita (e de leitura) durante o seu período de formação escolar. Essa situação é complexa e com muitas motivações, como a carência de um sistema educacional apto a receber esses estudantes surdos, e que disponham de profissionais capacitados. Faltam também profissionais intérpretes como apoio, em caso de necessidade, pois, por vezes, os estudantes surdos não passam de meros expectadores nos espaços escolares, apenas existindo em termos quantitativos a constar nos índices escolares.

Assim, em casos como esses, as práticas de escrita (e de leitura), para os estudantes surdos, se limitam às atividades de cópia do componente curricular, sem incentivo à devida reflexão sobre o ato de escrever (e de ler). Em outros casos, esses estudantes também não encontram suporte para o aprimoramento dessas práticas em suas famílias, as quais já esperam essa postura da escola, o que agrava mais ainda a situação. Por isso, quando estão diante de atividades diárias de escrita (e de leitura), esses estudantes não

[12] No texto original, a palavra atípica está colocada entre aspas, certamente como forma de amenizar os possíveis efeitos contrários que o uso dessa palavra possa suscitar.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

dispõem, obviamente, das ferramentas necessárias para a realização dessas atividades, evidenciando, assim, a falta de acessibilidade vivenciada por esses estudantes diante da escrita (e da leitura).

De todo modo, a escrita produzida pelos estudantes surdos vem gerando grandes discussões no âmbito da educação da pessoa surda, sendo o motivo de muita preocupação para aqueles que, na busca das melhores estratégias de ensino e aprendizagem, atuam no campo educacional da surdez e/ou da inclusão. Tomando o português como regra, grande parte desse processo de ensino da escrita ao surdo está ligada à ideia de erro e de correção desse erro, na perspectiva, fracassada, de ensinar o surdo a escrever tal como o ouvinte, ou o mais próximo possível desse parâmetro. Assim, se esquece que, por conta de aspectos linguístico-estruturais inerentes às línguas de sinais, "a escrita do surdo não vai se aproximar da escrita ouvinte" (Perlin, 2010, p. 510).

Essa questão também vem provocando inquietações entre os estudiosos e pesquisadores da área das línguas de sinais, especialmente entre aqueles que se interessam por aspectos relacionados ao registro escrito dos estudantes surdos. O interesse é notado mesmo entre os que, optando por direções específicas, se propõem a elaborar a sistematização de uma forma de escrita a ser empregada pelos surdos usuários das línguas de sinais, como os vários sistemas de escrita existentes, SignWriting, de Sutton (1974), EliS, de Barros (1997), SEL, de Lessa-de-Oliveira (2009), e VisoGrafia, de Benassi (2018), por exemplo. A produção escrita dos estudantes surdos é também objeto de análise de investigações que, por outro lado, buscam, em sua grande maioria, somente evidenciar as dificuldades dos estudantes surdos diante dos textos escritos, ou, de um modo que parece negligenciar as particularidades de cada idioma, apenas ressaltar as diferenças linguístico-estruturais, pelo viés comparatista ou de confronto, entre a Libras e o português, por exemplo.

Reitera-se que as línguas orais e as línguas de sinais, aqui, o português e a Libras, por serem compreendidas como línguas naturais, apresentam peculiaridades nas suas formas de produção e de percepção. Isso se dá, primordialmente, por conta da modalidade na qual cada língua está disposta. Majoritariamente, a primeira é oral-auditiva, ou seja, faz uso do aparelho

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

fonador e do canal auditivo, e a segunda é visuoespacial, isto é, utiliza o canal visual, o espaço, as mãos, entre outros elementos, na realização e compreensão linguística. De modo considerável, as particularidades resultantes dessa modalidade das línguas sinalizadas aparecerão na produção escrita empregada pelos estudantes surdos usuários da Libras:

> [...] a escrita peculiar dos surdos deve ser compreendida como um desdobramento do modo particular de expressão dessas pessoas, que se dá por meio de uma língua de natureza gesto-visual (Nascimento, 2008, p. 29).

Reconhecendo a singularidade linguístico-estrutural da Libras, em seus aspectos visuoespaciais, e já ciente da influência dessa língua sobre a produção escrita dos estudantes surdos, o Decreto nº. 5.626 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei nº. 10.436 (BRASIL, 2002), Lei da Libras, também aborda, embora não os especifique, os mecanismos de avaliação a serem adotados na correção das provas escritas, como consta no parágrafo 1º do inciso VI do Artigo 14. Assim, a legislação pretende valorizar o modo particular de escrita dos estudantes surdos ao:

> adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa (Brasil, 2005).

Nessa mesma direção, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE), órgão vinculado ao antigo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) da Presidência da República, atual Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDH), fazendo valer o princípio da acessibilidade à pessoa surda ou com deficiência auditiva em concursos públicos, em igualdade de condições com os demais candidatos, expediu a Recomendação nº. 001, de 15 de julho de 2010, que trata sobre a avaliação das provas discursivas e das redações produzidas por surdos em concursos públicos e em seleções diversas. A norma recomenda que os critérios de avaliação devem "valorizar o aspecto semântico (CONTEÚDO) em detrimento do aspecto

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

estrutural (FORMA), fazendo-se a distinção entre "conhecimento" e "desempenho lingüístico"" (Brasil, 2010).

Posteriormente, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, igualmente assegura um olhar diferenciado para a avaliação dos textos escritos por pessoas surdas, quando diz, no Inciso VI do Artigo 30. Esse regulamento trata das medidas adotadas nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas:

> adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa (Brasil, 2015).

No caso das produções escritas por surdos, os aspectos semânticos devem ser, primeiramente, valorizados, conforme vimos acima. Ainda, essa lei, no Inciso IV do Artigo 28 do Capítulo IV, que trata do Direito à Educação estabelece: "Oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas" (BRASIL, 2015).

Por sua vez, a Resolução nº. 02/2001 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/ Câmara de Educação Básica (CEB), que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, orienta que, desde que não ocasione prejuízos no aprendizado do português, o acesso aos conteúdos curriculares por meio da Libras deve ser garantido à pessoa surda, como consta no Parágrafo 2º do Artigo 12:

> Deve ser assegurada [...] a acessibilidade aos conteúdos curriculares, mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a *língua de sinais*, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa [...] (Brasil, 2001, grifo nosso).

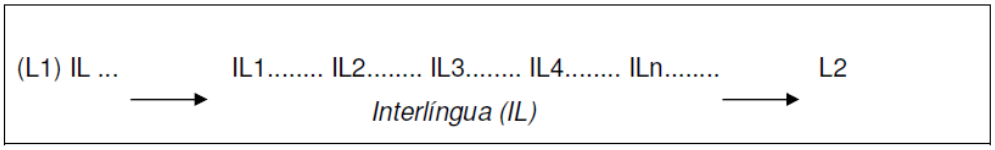
Todas essas evidências legais deixam claro que, para além das questões de estrutura gramatical da modalidade escrita, o objetivo primário dos textos

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

escritos dos estudantes surdos é o compartilhamento de ideias. Assim, não se penaliza a sistematização espontânea da Libras espelhada no texto escrito, e se reconhecem as singularidades dessa língua, manifestadas na estrutura escrita do português, fazendo com que os textos escritos por estudantes surdos não sejam vistos no sentido de inferiorização.

As particularidades linguístico-estruturais da Libras emergentes nos textos produzidos por estudantes surdos são, pelas teorias de aquisição da linguagem, especificamente as teorias de aquisição e/ou aprendizagem de segunda língua no contexto de bilinguismo, o reflexo de uma etapa natural do processo de aprendizagem de L2, chamada interlíngua, em que o aprendiz, nas tentativas de desenvolver a L2, emprega elementos linguístico-estruturais tanto da L1 quanto da L2. De acordo com Selinker (1972 *apud* Brasil, 2004a, p. 103), interlíngua consiste, portanto, em "gramáticas mentais provisórias que o aprendiz vai construindo no percurso de seu desenvolvimento até atingir a competência em L2". Em outras palavras, é um modo linguístico intermediário entre duas línguas, como ilustra o esquema abaixo, pensado por Gargallo (1999 *apud* DIAS JÚNIOR, 2010) a partir da *Teoria da Interlíngua*, idealizada, em 1972, pelo linguista americano Larry Selinker:

Quadro 1 – Estágios da Interlíngua



Fonte: Dias Júnior, 2010, p. 56.

Na composição acima vemos, claramente, o percurso de como acontece a etapa de interlíngua no processo de aprendizagem da L2. Da L1, enquanto ponto de partida, até a L2, enquanto ponto de chegada, o aprendiz experienciará vários estágios da IL (interlíngua) até a consolidação da L2 – no esquema, representados por IL1 (interlíngua *1*), IL2 (interlíngua 2), IL3 (interlíngua 3), IL4 (interlíngua 4) e ILn (interlíngua n), que significa que poderá haver mais estágios de interlíngua. Assim, interlíngua se comporta como uma

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

etapa de transição desenvolvida cognitivamente pelo aprendiz durante o processo de assimilação de uma L2.

Além desses estágios, na própria etapa de interlíngua como um todo, estão envolvidos outros cinco processos cognitivos, conforme Selinker (1994), citado em Brochado (2003, p. 60-61), a saber, (i) transferência de linguagem, ligada à interferência de L1, sendo esta usada como paradigma para a estruturação da L2; (ii) super generalização das regras da língua-alvo, com aplicação de uma regra da L2 em todas as circunstâncias, desconsiderando-se as exceções; (iii) transferência de treinamento, em que regras entram no sistema do aprendiz como respostas a instruções); (iv) estratégias de aprendizagem de L2, de modo que há percepção e investimento nas melhores estratégias para o aprendizado da L2; e (v) estratégias de comunicação em L2, através do uso de estratégias alternativas, ainda que incorretas, quando faltam os conhecimentos linguísticos necessários. Todos esses processos são formas desenvolvidas cognitivamente pelo aprendiz para internalizar e consolidar o sistema linguístico da L2.

Nessa mesma direção, há, ainda, a estratégia de comunicação denominada transferência interlinguística, estratégia bastante utilizada nos processos de aprendizagem de L2, em que, como o próprio nome sugere, é a transferência de uma língua para outra, isto é, quando uma língua, geralmente a língua materna ou L1, influencia na aprendizagem e no uso de outra língua, a L2. Com base em Sousa (2015, p. 80), a estratégia de transferência interlinguística resulta da combinação de aspectos da interlíngua/L2 e da L1 (ou de outras línguas para além dessas duas) e pode ocorrer nos níveis fonológico, morfológico, sintático, lexical, pragmático e discursivo.

No caso da aprendizagem do português, no modo escrito, e como segunda língua, pelos estudantes surdos, o esforço é maior, uma vez que se trata de uma língua organizada em uma modalidade distinta daquela na qual se organiza a Libras, como já vimos. Aqui, temos o que os autores caracterizam como bilinguismo bimodal (Stumpf *et al.*, 2020; Cruz; Quadros, 2018, Quadros, 2017; Neves; Quadros, 2016), contexto em que há o desenvolvimento de duas línguas de modalidades diferentes: uma de modalidade visuoespacial, a Libras,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

concebida como a L1 para os surdos; e outra de modalidade oral-auditiva, o português escrito, sendo a L2 para esses sujeitos.

Diferentemente da ideia geral do termo bilinguismo, o qual faz referência "à *aquisição*, pelos sujeitos, de duas ou mais *línguas naturais*, em situação de complementaridade" (Fernandes, 2003, p. 73, grifos da autora), o desenvolvimento do português escrito, pela educação bilíngue de surdos, se configura, por outro lado, como uma aprendizagem de segunda língua e não como uma aquisição de segunda língua, uma vez que o português não se configura, do ponto de vista fisiológico, como uma língua natural para os surdos. Entre o processo de aquisição de línguas e o processo de aprendizagem de línguas, como sabemos, há diferenças. De acordo com Krashen (1984 *apud* Fernandes, 2003, p. 74), o primeiro aconteceria de forma natural e, por isso, dispensaria práticas formais de instrução escolar, enquanto o segundo não se daria naturalmente, necessitando, portanto, de estratégias formais e sistemáticas de ensino por parte de instituições escolares e/ou equivalentes.

Nessa direção, a Libras, de fato, se mostra como a língua natural dos surdos, a L1, tendo em vista que, em contextos ideais, é adquirida (e não aprendida) de modo natural e a partir do contato com os semelhantes, enquanto que o português, na versão escrita, se mostra como a L2, o qual é aprendido (e não adquirido) por meio de instruções escolares. No entanto, mesmo a Libras sendo uma língua natural para os surdos, há situações em que não é oportunizado aos surdos o acesso oportuno a sua língua natural, especialmente no que diz respeito aos surdos que nascem em famílias de ouvintes – o que representa a maioria dos casos.

Tais surdos precisam "aprender" a sua própria língua natural, muitas vezes, tardiamente, pois a língua utilizada no ambiente materno/familiar é o português, que, por sua vez, por questões fisiológicas, não pode ser aprendida espontaneamente pelas pessoas surdas. A língua materna/familiar nem sempre coincidirá com a língua natural dos surdos (Fernandes, 2003).

Por tudo isso, entendemos que as manifestações linguístico-estruturais da Libras, as quais, por vezes, estão presentes nos textos escritos por estudantes surdos, podem ser consideradas uma tentativa de escrita da

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

estrutura do português, um sistema linguístico próprio criado por esses aprendizes surdos, que, pela *Teoria da Interlíngua*, "[...] se refere ao sistema diferente de uma segunda língua do aprendiz, um sistema que tem a posição estruturalmente intermediária entre as línguas nativa e língua alvo" (Brochado, 2003, p. 56). Desse modo, tais textos não devem ser tratados como eivados de desvios e inadequações e muito menos pela perspectiva do erro, mas como construções de hipóteses sobre a organização gramatical natural dos estágios de interlíngua, na tentativa de aproximação da língua-alvo, o português.

O CASO DA NÃO MARCAÇÃO COPULAR

Uma particularidade linguístico-estrutural da Libras diz respeito a não marcação sentencial dos verbos de cópula (ou verbos copulativos) – especificamente os verbos ser e estar, também conhecidos, pela Gramática Tradicional (GT), como verbos de ligação. De acordo com Felipe (1998), em Libras, os verbos copulativos ser e estar não são usados, ficando, na estrutura de superfície, apenas o sujeito e o predicativo. Os verbos de cópula, na gramática do português, são aqueles que não predicam, ou seja, não selecionam complementos, eles:

> servem apenas como elemento de ligação entre sujeito e predicado, estabelecendo relações aspectuais de permanência, transitoriedade, mudança de estado, continuidade de estado e aparência de estado (Cunha; Cintra, 2017, p. 146-147).

É essa ausência de predicação dos verbos copulativos que faz com que tais itens, "na prática, quase não sejam considerados verbos e, sim, meros elementos de... ligação" (BAGNO, 2012, p. 614, adaptação nossa), como se verifica, por exemplo, na sentença *Maria é feliz*, em que vemos o verbo *ser* apenas com o papel de ligar o predicativo ao sujeito. Sendo assim, a função de predicar passa a ser, portanto, de responsabilidade do predicativo que, por sua vez, seleciona o argumento, dando-lhe atributos na construção sentencial. Na sentença citada, o predicativo *feliz* seleciona o seu complemento *Maria*,

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

caracterizando-o. Para Bagno (2012, p. 614) esse "esvaziamento dos verbos de ligação se comprova, por exemplo, no fato de não existirem verbos copulativos na maioria das línguas do mundo". Sibaldo (2009, p. 39, grifo do autor) também apontou essa questão ao dizer que há "a opcionalidade no que se refere à ausência *versus* presença da cópula em frases copulares de algumas línguas naturais".

No caso das línguas, com a inexistência de verbos copulativos, na maioria das vezes, "a ligação entre os nomes e seus predicativos se faz por simples justaposição", como acontece com a língua Náuatle, língua falada no México (Bagno, 2012, p. 614). Ao que tudo indica, a Libras está, de fato, inclusa no grupo das línguas que dispensam esses verbos, como constatou Felipe (1998) e como reforça a pesquisa realizada por Oliveira (2020, p. 51):

> na testagem que realizamos, constatamos que os verbos ser e estar não são sinalizados na libras. Nas sentenças, aparecem apenas o sujeito e o predicativo. Verificamos que a libras é uma das línguas naturais em que esses verbos não aparecem nas sentenças.

A língua russa é outro exemplo desse fenômeno. No entanto, nesse idioma em sua versão escrita o verbo copulativo, no presente, é substituído por um travessão (–), como consta em Bagno (2012, p. 614): "Víktor i Léna – glúpy (Vítor e Lena [são] estúpidos)".

Os verbos copulativos ser e estar diferenciam-se, especialmente, quanto a questões semânticas:

> De modo geral, podemos dizer que ser indica 'permanência; essência inerente; qualidade atemporal; imobilidade', enquanto estar exprime 'circunstância passageira; transitoriedade; qualidade temporária; movimento'" (Bagno, 2012, p. 610, grifos do autor).

Essa diferença aparece manifestada, por exemplo, no uso da expressão *Eu estou coordenador(a)* – e não *Eu sou coordenador(a)* – comumente empregada por professores ao assumirem a coordenadoria escolar. A opção pelo verbo estar, no lugar do verbo ser, evidencia e fortalece essa ideia transitória relativa à ocupação dessa função. Segundo Raposo *et al*. (2013), nessa mesma linha de raciocínio, o verbo ser é empregado em predicados que indicam

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

características permanentes e o verbo estar é empregado em predicados que indicam características passageiras. Assim, o predicativo confere ao sujeito, no primeiro caso, um atributo passageiro e, no segundo caso, um atributo permanente.

Como em Libras os verbos de cópula ser e estar não são sinalizados, conforme dito anteriormente, a semântica desses verbos em sentenças sinalizadas se mostra, em um primeiro momento, indiferente. Retomando o exemplo *Maria é feliz*, temos a sinalização correspondente em Libras *MARIA FELIZ*, que, por sua vez, tanto pode significar em português, a depender das questões semânticas, *Maria é feliz* quanto *Maria está feliz*. Desse modo, a identificação dos aspectos referentes a características mais permanentes ou mais passageiras, que, em português, ocorre pela realização dos verbos ser e estar, respectivamente, se dá a partir do sentido da sinalização. A própria ligação entre o predicativo e o sujeito, sinalizados justapostos na sentença, igualmente se dá pelo contexto/sentido da sinalização, como aponta Oliveira (2020, p. 56): "a ideia é percebida pelo contexto". A figura a seguir ilustra melhor essas questões:

Figura 1 – EU BONIT@/BONIT@ EU

Fonte: Oliveira, 2020, p. 53.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Acima, consta a sinalização de duas[13] construções sintáticas em Libras. Ambas correspondem às sentenças em português *Eu sou bonito(a)* ou *Eu estou bonito(a)*, a depender das questões semânticas, marcando, assim, as diferenças (atemporalidade e temporalidade) entre os verbos ser e estar. Acerca das possibilidades de ordem dos elementos na sentença em Libras, a primeira sinalização corresponde à *EU BONIT@*[14], com sujeito e predicativo, e a segunda sinalização, à *BONIT@ EU*, com predicativo e sujeito. Nelas, em contexto de sentenças com verbos copulares, vemos que os verbos ser e estar não são, evidentemente, sinalizados, mas a relação entre o predicativo e o sujeito é mantida pelo contexto e, neste caso, acontece por meio da "direção para a qual aponta o dedo indicador, que se dirige para o referente" (Oliveira, 2020, p. 54). Assim, o dedo indicador está em direção ao sinalizante, que corresponde ao sujeito eu, a quem o predicativo bonito(a) está se referindo e caracterizando. A apontação, enquanto recurso linguístico, é bastante utilizada nas línguas de sinais. Os pronomes pessoais, os pronomes demonstrativos e alguns advérbios de lugar em Libras são realizados por meio da apontação. De acordo com Felipe e Monteiro (2006, p. 419), há a utilização da apontação de maneira consciente e não simplesmente um apontar para algo na passagem do apontar não-linguístico para o apontar linguístico. A seguir, outro exemplo dessa construção sintática:

[13] Em Libras, igualmente ao português, a ordem básica ou canônica das sentenças é a SVO (Sujeito-Verbo-Objeto), entretanto pode haver outras possibilidades de ordens, igualmente inteligíveis, derivadas da ordem canônica (Quadros; Karnopp, 2004; Ferreira, 2010; Felipe, 1989).

[14] Emprega-se do símbolo @ para indicar a inexistência das desinências morfológicas para gêneros e para número (Felipe, 1997).

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Figura 2 – HOJE VOCÊ BONIT@/BONIT@ VOCÊ HOJE

Fonte: Oliveira, 2020, p. 54.

Tal como a Figura 1, a Figura 2 apresenta duas sentenças sinalizadas, ambas correspondentes à estrutura sintática em português *Hoje você está bonito(a)*, mas que também pode corresponder à estrutura *Hoje você é bonito(a)*, a depender do contexto semântico, como vimos. Aqui, também há duas possibilidades quanto à ordem dos elementos na sentença em Libras, a saber, *HOJE VOCÊ BONIT@* e *BONIT@ VOCÊ HOJE*. Do mesmo modo, os verbos estar e ser, enquanto cópulas, também não são realizados na sinalização de modo espontâneo. Entretanto a ligação entre o predicativo e o sujeito se realiza em meio ao contexto de sinalização e se dá com a apontação do dedo indicador para o referente, que, neste exemplo, corresponde à pessoa com a qual o sinalizante interage. Assim, o dedo indicador aponta em direção ao interlocutor, correspondente ao sujeito você, a quem o predicativo bonito(a) está se referindo e caracterizando. Assim, "o olhar e o corpo também vão se dirigir para o referente" (Oliveira, 2020, p. 57), igualmente funcionando como elementos para assegurar a relação entre o predicativo e o sujeito das sentenças sinalizadas.

Além desses dois verbos, a GT considera os verbos permanecer, ficar, parecer, continuar, andar, entre outros, como parte do grupo copulativo. Oliveira (2001, p. 81), por sua vez, explica que "o verbo ser é o único ao qual

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

[...] podemos com propriedade atribuir a designação de verbo de cópula, advindo esta possibilidade do facto de ser o único verbo que respeita todas as características que [...] devem pertencer a um verbo dito de ligação", a saber:

> a) não impõem restrições de selecção semântica ao seu sujeito estrutural; b) não impõem restrições de selecção categorial ao elemento "predicativo"; c) seleccionam como complemento uma Oração Pequena; d) aparecem configuracionalmente posicionados como uma espécie de "elo" entre um sujeito e um "predicativo" de sujeito; e) permitem, sob certas condições, a troca de posição dos sintagmas com que surgem combinados, sem que isso afecte a interpretação da proposição; f) apresentam um conteúdo semântico vazio que, até certo ponto, se concretiza pelo contexto frásico em que surgem realizados; g) são um elemento verbal que apenas carrega as marcas flexionais de tempo, modo, aspecto e concordância; h) não se integram nas classes aspectuais dos eventos, nem denotam, pelo seu significado, qualquer tipo de transição de classe aspectual (Oliveira, 2001, p. 81).

O fato é que, na Libras, os verbos ser e estar não são sinalizados e, segundo Oliveira (2020, p. 45), tais verbos, "aparentemente, não têm sinais em libras". No entanto, no léxico desse idioma, existe um sinal para o item verbal É[15] (Figura 3). Entretanto esse sinal não é empregado, de modo gramatical, nas sentenças copulares, as quais, nos moldes do português, necessitam de um verbo de ligação, mas como locução interjectiva de aprovação e estímulo nas sentenças. Contrariamente, já é possível perceber, nas práticas de sinalização do dia a dia, a realização do sinal É em posição copulativa, certamente por influência da estrutura do português. Situação semelhante acontece com o item lexical ESTAR (Figura 4) em Libras. Sobre ele, Capovilla *et al*. (2019b, p. 1195, grifo nosso) assinalam:

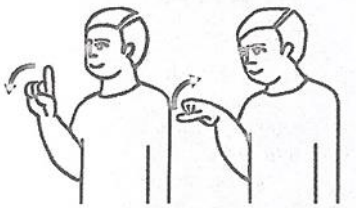
[15] Na versão de 2015 do Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, de Capovilla, Raphael e Maurício, não há sinal para esse vocábulo.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Obs.: Cuidado. Tal sinal é próprio da era da *Comunicação Total*[16], correspondendo a um resquício do *Português Sinalizado*[17], e não pertence, assim, à Língua de Sinais Brasileira propriamente dita. Nessa língua, a mensagem "Ontem ele estava cansado" é sinalizada como "Ele cansado ontem". A mensagem "Nós estamos bem" é sinalizado como "Nós bem".

O item lexical estar, por outro lado, é naturalmente sinalizado quando se trata de construções que possuem elementos locativos, como em *Maria está em casa* – que em Libras poder ser realizado da seguinte forma: *CASA MARIA ESTÁ*. Nesse caso, portanto, há uma diferença na manifestação desse item lexical em sentenças copulares e em sentenças com locativos. Quantos aos demais verbos copulares apontados pela GT, eles possuem um sinal correspondente em Libras e são normalmente empregados nas realizações das sentenças sinalizadas em contexto de atributo de predicativo. "Entendemos que isso ocorre porque os outros verbos cópula expressam o aspecto indicado pela semântica dos estados" (OLIVEIRA, 2020, p. 51). Nesse sentido, o sinal equivalente ao item lexical continuar, por exemplo, exprime semânticas para além da simples função dos verbos copulativos, que, no geral, é a de ligar elementos.

Figura 3 – Sinal É



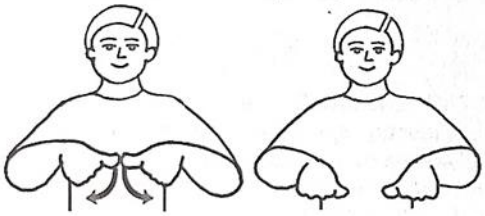
Fonte: Capovilla *et al.*, 2019b, p. 1039.

Figura 4 – Sinal ESTAR

[16] A Comunicação Total é uma das três abordagens educacionais, juntamente com o Oralismo e o Bilinguismo, existentes para nortear o ensino de surdos ao longo da história da educação dos surdos no Brasil e no mundo. Nessa abordagem, com foco na oralização dos surdos, era utilizado todo tipo de estratégia para viabilizar a comunicação e o ensino. Para maiores aprofundamentos sobre tais abordagens, conferir Lacerda (1989)

[17] Tendo em vista que a Libras e o português possuem suas especificidades linguísticas, o português Sinalizado diz respeito à sinalização com base na estrutura linguística do português.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

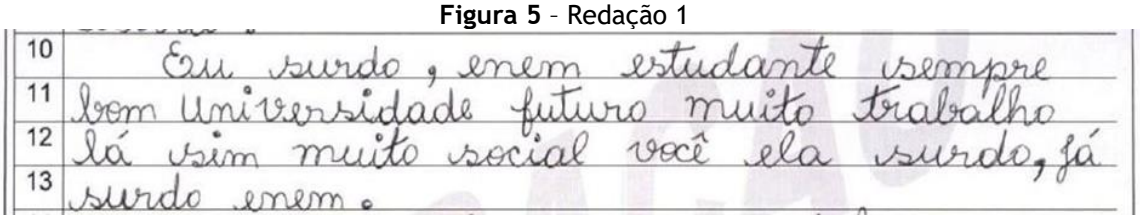


Fonte: Capovilla *et al.*, 2019b, p. 1195.

Como vimos, os verbos ser e estar em construções copulativas, em que o predicativo seleciona o seu complemento dando-lhe atributos, não são marcados na sinalização das sentenças em Libras. Em contrapartida, essa inexistência não significa que não haja uma relação entre os elementos da sentença, e muito menos um prejuízo no entendimento daquilo que foi sinalizado. Tais elementos, por sua vez e conforme foi dito anteriormente, se dão pelo contexto da sinalização, com o auxílio do direcionamento do dedo indicador, do olhar e do corpo para estabelecer a relação entre o predicativo e o nome, e possibilitar a significação da sentença, diferentemente do português, que já materializa tais verbos em suas construções.

Desse modo, é possível que se denote a inexistência dos verbos copulares ser e estar esteja presente nas sentenças dos textos escritos por estudantes surdos. Tal ocorrência apresenta motivações linguísticas claras e se sustenta com base nas especificidades linguístico-estruturais da Libras. Vamos à análise dessa particularidade em alguns trechos de redações[18].

Figura 5 – Redação 1

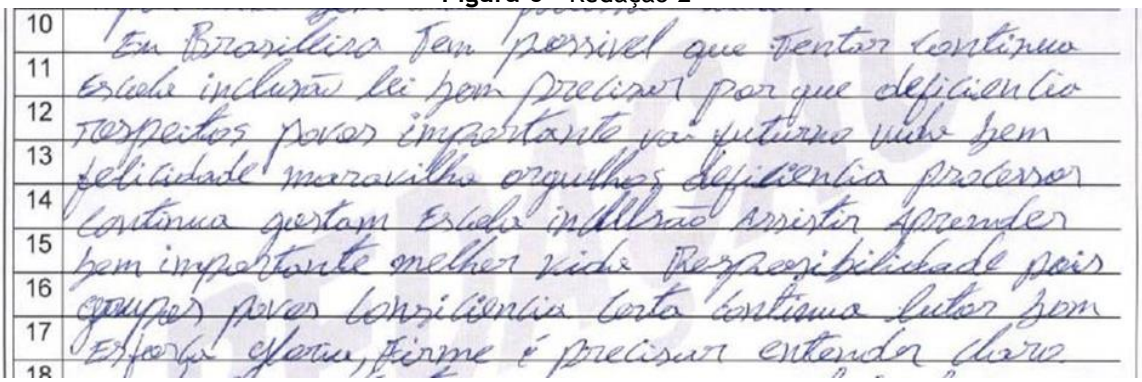


Fonte: Dados da pesquisa.

[18] Tema: Inclusão escolar: entre o ideal e o real.

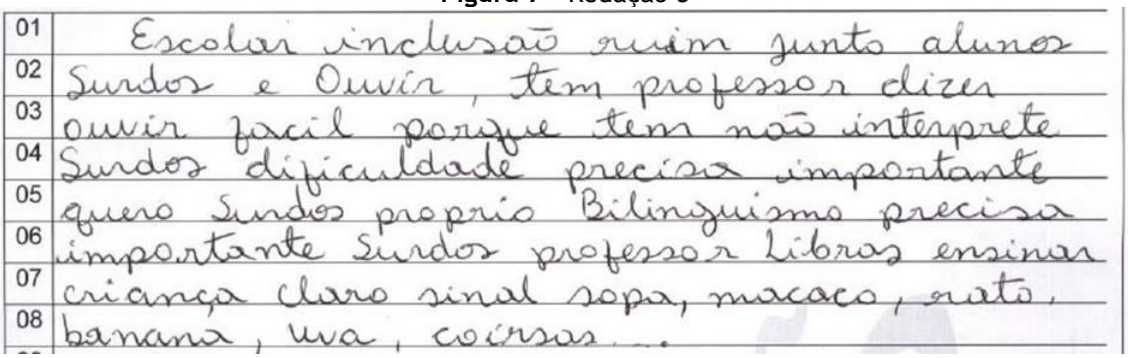
ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Figura 6 – Redação 2



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 7 – Redação 3



Fonte: Dados da pesquisa.

Nos três recortes acima, encontramos exemplos de construções sintáticas copulativas, mas que não apresentam em sua estrutura os verbos copulares, isto é, os verbos de ligação. Assim os sujeitos e os predicativos aparecem justapostos como em *eu surdo*/*você ela surdo*, *eu brasileira*, *escolar inclusão ruim*. Como essas construções são o reflexo da prática de sinalização, a relação entre os constituintes da sentença acontece por meio do contexto de sinalização, a partir de recursos como a apontação e a direção do olhar, os quais se encarregam de estabelecer o sentido dessas construções. Portanto, tratam-se de manifestações linguístico-estruturais da Libras naturalmente refletidas na comunicação de textos escritos em português por estudantes surdos.

Também é preciso considerar os estágios de interlíngua apresentados na seção anterior, que influenciam significativamente nessa escrita, uma vez que o aprendiz usa, naturalmente, e de início, a sua L1 como ponto de partida para alcançar a L2 e, depois, passa a usar elementos linguístico-estruturais tanto da

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

L1 quanto da L2 nesse processo, experienciando, assim, vários estágios de interlíngua. Os exemplos apresentados nos recortes das redações, com sujeitos e predicativos justapostos (*eu surdo/você ela surdo*, *eu brasileira*, *escolar inclusão ruim*) evidenciam esse processo cognitivo de interlíngua, quando o estudante surdo, na tentativa de realizar a L2/Português, exigido pelo contexto de redação de vestibular, faz uso da L1/Libras para produzir o texto escrito, revelando, assim, que a L2 ainda não foi assimilada por completo, mas está em um estágio de interlíngua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos escritos por estudantes surdos, para algumas pessoas, são frequentemente considerados desviantes e sem sentido. No entanto, eles revelam as particularidades linguístico-estruturais da Libras. Como vimos, subjacente a essa escrita atípica, denominada de "escrita do surdo", encontramos a espontânea representação dos elementos que existem e fazem sentido na constituição da Libras, pois ela é a manifestação da natureza linguística do povo surdo sinalizante.

A não marcação da cópula apresenta motivações linguístico-estruturais claras: a relação entre os constituintes da sentença acontece por meio do contexto de sinalização, a partir de recursos como a apontação e a direção do olhar, os quais se encarregam de estabelecer o sentido das construções copulares, ainda que tais recursos não sejam transpostos para a modalidade escrita, ocasionando, assim, uma escrita particular. Nessa direção, para muito além da identificação dos desvios, é preciso perceber a riqueza linguística que esses textos expressam, textos carregados de significação que ultrapassam a estrutura linguística da língua portuguesa oral, por isso não devemos analisar os textos escritos por estudantes surdos do mesmo modo que analisamos os textos produzidos por estudantes ouvintes.

A particularidade não marcação da cópula em Libras, refletida nos textos escritos em português dos estudantes surdos, não significa, por outro lado, que as pessoas surdas sejam incapazes de produzir textos escritos de acordo com as regras gramaticais do português, especialmente quanto ao verbo de ligação.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

Não se trata disso, definitivamente. É importante desmistificar essa ideia e deixar claro que há, sim, surdos que produzem textos escritos conforme tais regras. E não estamos nos referindo aos surdos oralizados, em que a oralização não é, necessariamente, a garantia para a qualidade da produção escrita. Estamos nos referindo, especialmente, aos surdos bilíngues, isto é, àqueles que fazem uso da Libras como L1 e da modalidade escrita do português como L2, e com graus de escolaridade mais avançados, o que representa um grupo pequeno se comparado à considerável maioria que não tem acesso a experiências bilíngues no sistema educacional. Vale ressaltar que os textos escritos analisados nesta produção foram de estudantes surdos com Ensino Médio completo, aspirantes à educação superior, os quais ainda se encontram em processo de formação escolar, muitas vezes falho, e cuja condição bilíngue não foi possível de ser mensurada.

Temos ciência da relevância da educação bilíngue para a comunidade surda, em que os estudantes surdos têm acesso tanto à Libras, como língua de instrução, quanto ao português na sua forma escrita. Nesse sentido, reiteramos o nosso posicionamento no que se refere à importância do aprendizado da modalidade escrita do português por parte dos estudantes surdos, uma vez que eles convivem e possuem necessidades comunicativas do cotidiano em uma sociedade em que a língua da comunidade majoritária (ouvinte) é o português.

Esperamos que este artigo possa contribuir significativamente para uma mudança de perspectiva da sociedade, especialmente por parte dos professores, em relação aos textos produzidos por estudantes surdos. Para que, em algum momento de suas vidas, ao se deparem com textos escritos por estudantes surdos, possam entender que nessas produções se encontram marcadas as manifestações linguístico-estruturais da Libras. Por essa razão, não devem esses textos ser enxergados como eivados de meros erros, mas como produções repletas de especificidades dessa língua de sinais, que podem aparecer espelhadas na comunicação escrita, contextualizando, assim, o reconhecimento e valorização das práticas de letramento e bilinguismo pela comunidade surda.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

De modo geral, a temática discutida neste trabalho está direcionada aos linguistas, aos estudiosos das línguas sinalizadas e oralizadas, aos surdos e usuários ouvintes das línguas de sinais e a todos que, de alguma forma, se interessam em compreender os pormenores das línguas de sinais, em particular, da Libras, denotados nos textos escritos por estudantes surdos. Assim, o presente artigo dá, aos interessados no tema, a oportunidade de compreender o porquê dessa escrita particular. Este estudo também servirá como instrumento de pesquisa para que trabalhos posteriores, que investiguem o mesmo tópico, possam redirecionar as discussões a fim de aprimorar as reflexões sobre as manifestações linguístico-estruturais da Libras que ainda se não se apresentam propriamente discutidas ou finalizadas aqui.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*. 56. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, Mariângela Estelita. *ELiS - Escrita das Línguas de Sinais*: proposta teórica e verificação prática. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BENASSI, Claudio Alves. Visografia: uma nova proposta de escrita da língua de sinais. *Traços de linguagem*, Mato Grosso, v. 2, n. 2, p. 71-82, jul./dez. 2018. Disponível em: https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/2842. Acesso em: 12 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 6 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 03 jun. 2024.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

BRASIL. Recomendação nº. 001, de 15 de julho de 2010. Recomendação para garantir a aplicação do princípio da acessibilidade à pessoa surda ou com deficiência auditiva em concursos públicos, em igualdade de condições com os demais candidatos. *Presidência da República*. Secretaria de direitos humanos. Conselho nacional dos direitos da pessoa com deficiência, Brasília, 15 jul. 2010.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 03 jun. 2024.

BRASIL. *Ensino de língua portuguesa para surdos*: caminhos para a prática pedagógica. 1 v. Elaborado por Heloísa Maria Moreira Lima Salles (Universidade de Brasília) *et al*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2004a.

BRASIL. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 03 jun. 2024.

BRASIL. Recomendação nº. 02, de 11 de setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Conselho Nacional De Educação. Câmara de Educação Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf. Acesso em: 04 jun. 2024.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

CAPOVILLA, Fernando César *et al*. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*. Vol. 1 (sinais de A a D). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019a.

CAPOVILLA, Fernando César *et al*. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*. Vol. 2 (sinais de E a O). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019b.

CAPOVILLA, Fernando César *et al*. *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*. Vol. 3 (sinais de P a Z). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019c.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892
CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. (org.). *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. Vol. I: (sinais de A a H). 3. ed. (ver. e ampl.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CARDOSO, Silvana Alves. *Sistematização dos aspectos linguístico-estruturais da Libras na comunicação escrita em Português*. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague: Mounton, 1957.

CRUZ, Carina Rebello; QUADROS, Ronice Müller de. Bilinguismo Bimodal. *In*: ORTIZ-PREUSS, Elena; FINGER, Ingrid. *A dinâmica do processamento bilíngue*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 337-367.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

DIAS JÚNIOR, Jurandir Ferreira. *Ensino da língua portuguesa para surdos*: contornos de práticas bilíngues. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE. Tanya Amara de Souza. Introdução à Gramática da Libras. *In*: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. *Deficiência Auditiva*. Série Atualidades Pedagógicas, nº. 4. Organizado por Giuseppe Rinaldi *et al*. Brasília: SEESP, 1997. p. 387-412.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. A Estrutura Frasal na LSCB. *In*: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL. Recife, 1989. p. 663-672.

FELIPE, Tanya Amara de Souza; MONTEIRO, Myrna Salerno (org.). *Libras em contexto*: curso básico: livro do professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERNANDES, Sueli de Fátima. *Educação bilíngue para surdos*: identidades, diferenças, contradições e mistérios. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERREIRA, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cadernos Cedes*, Campinas, n. 46, 15 p., 1989. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/?lang=pt. Acesso em: 12 jun. 2024.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/4566006ab74ecff8dc54d92e9649eb86.pdf. Acesso em: 04 jun. 2024.

NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira do. *Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

NEVES, Bruna Crescêncio; QUADROS, Ronice Müller de. Aquisição bilíngue bimodal: uma análise da competência narrativa de crianças bilíngues bimodais. *In*: CAVALCANTE, Marianne *et al*. *Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística: Fonologia e Prosódia, Língua de Sinais, Sintaxe e Processamento*, vol. I. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2016. p. 289-323.

OLIVEIRA, Lindilene Maria de. *A categoria sintática predicativo na Língua Brasileira de Sinais*: um estudo descritivo. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira. *As frases copulativas com Ser*: natureza e estrutura. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2001.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). *A surdez*: um olhar sobre as diferenças. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 51-73.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras*. Coleção Linguística para o ensino superior - 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de herança*: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais. *ETD- Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 168-178, 2006. Disponível em:

ISSN:1984-9540 DOI: 10.12957/periferia.2024.85892

https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/801/816. Acesso em: 06 jun. 2024.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Diná Souza da. As comunidades surdas brasileiras. *In*: ZAMBRANO, Romana Castro; PEDROSA, Cleide Emília Faye (org.). *Comunidades surdas na América Latina: Língua - Cultura - Educação - Identidade*. Florianópolis: Editora Bookess, 2017. p. 135-152.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva *et al*. *Gramática do Português*. *Lisboa*: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

SIBALDO, Marcelo Amorim. *A sintaxe das small clauses livres do português brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. *A construção de sentido na escrita do sujeito surdo*. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SOUSA, Aline Nunes de. *Educação plurilíngue para surdos*: uma investigação do desenvolvimento da escrita em português (segunda língua) e inglês (terceira língua). 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

STUMPF, Marianne Rossi *et al*. *Aquisição Língua de Sinais*. Vídeo-book. Editora Arara Azul, 2020. Disponível em: https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/114. Acesso em: 11 jun. 2024.

SUTTON, Valerie. *Lições sobre o SignWriting*: um Sistema de escrita para a língua de sinais. Traduzido e adaptado do inglês/ASL para o Português/Libras por Marianne Stumpf (Título original: *Lessons in Signwritin*: Textbook, Workbook, second edition, Copyright, La Jolla CA – USA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. by The deaf Action Committee for SignWriting, (DAC), 1995, 1997, 1998, 1999). Apoio: Projeto SignNet/CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA, 2000. Disponível em: https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/24/manual-de-signwriting-em-portugues/. Acesso em: 14 jun. 2024.

Recebido em: 14/07/2024

Aprovado em: 10/09/2024

Publicado em: 16/12/2024